

ENTRE NOTAS E DOCUMENTOS: UM LIVRO, UMA HISTÓRIA

Bruno Balbino Aires da Costa (UFRN)

Mossoró não cabe num livro (...) Quis apenas dar um
roteiro da jornada de Mossoró no tempo.
Luís da Câmara Cascudo.

Notas e documentos para a História de Mossoró. p. 6

Resumo: Este artigo faz parte de um dos capítulos da dissertação de mestrado, cujo título provisório é: “Mossoró não cabe num livro: Luís da Câmara Cascudo e a produção historiográfica do espaço mossoroense”, do programa de Pós-Graduação em História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a ser defendida no primeiro semestre de 2011. Nosso objetivo, neste artigo, é historicizar as condições de possibilidade da emergência do livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* escrito por Luís da Câmara Cascudo em 1953 e, publicado, em 1955. Sendo assim, escavamos a história do livro de 1955 para evidenciar as relações de poder e saber contidos na própria escrita do livro, analisando as motivações políticas e culturais em que foi escrito e publicado.

Palavras-chave: Luís da Câmara Cascudo; Mossoró; História

This article is part of a chapter of the dissertation, tentatively titled: “Mossoró não cabe num livro”: Luís da Câmara Cascudo e a produção historiográfica do espaço mossoroense”, of the Graduate Program in History e Venues da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) to be held in the first half of 2011. Our goal in this article, is to historicize the conditions of possibility of the emergence of the book *Notas e Documentos para a História de Mossoró* written by Luís da Câmara Cascudo in 1953 and published in 1955. So we dug the story of the 1955 book to show the relationships of power and knowledge contained in the actual writing of the book, examining the political and cultural motivations that this book was written and published.

Keywords: Luís da Câmara Cascudo; Mossoró; History

A produção da história mossoroense por Luís da Câmara Cascudo está inserida em um contexto marcado pelas “encomendas” das “histórias de cidades” promovidas por diversas prefeituras municipais que em nome da tradição, da cultura e da memória, patrocinavam vários intelectuais para que “resgatassem” e ao mesmo tempo escrevessem sobre a “história oficial” das cidades.¹

¹ Entre as décadas de quarenta e cinquenta, Luís da Câmara Cascudo escreveu três histórias oficiais encomendadas pelos prefeitos das cidades de Mossoró, Natal e Santana dos Matos. Em 1948 patrocinado pelo até então prefeito de Natal, Sylvio Piza Pedroza, Cascudo escreveu sobre a história da cidade do Natal. Em 1953 e 1955, os municípios de Mossoró e Santana do Matos através dos seus respectivos

Estas “histórias” produzidas por estudiosos convocados e pagos pelo poder público reunia e ordenava dados sobre uma urbe dando a ver um tempo de origens, um acontecimento fundador e frequentemente a narração de uma saga ocorrida nas épocas mais recuadas, realizada por um povo guiado por suas lideranças. Assim se “contava a história” desde o passado até o presente da cidade a partir da evolução cronológica dos governos municipais com seus momentos marcantes e suas realizações fundamentais. Uma história política de viés tradicional aplicado à evolução de um núcleo urbano².

É neste contexto que o intelectual Luís da Câmara Cascudo escreveu o livro *Notas e documentos para a História de Mossoró* em 1953 tendo sido publicado dois anos depois.

Indicado pelo principal “representante” da Batalha da Cultura³, Vingt-un Rosado, e convidado pelo até então prefeito de Mossoró, Vingt Rosado Maia, Cascudo recebeu, em 1951, uma proposta para escrever sobre a história da cidade, como demonstra a carta escrita por Cascudo para Vingt-un Rosado no dia vinte e dois de julho daquele ano:

Tive sua carta tão carinhosa para mim, sugerindo que escreva a História do nosso velho Mossoró, tão estudado por você e uma das minhas sabidas e notórias simpatias. Quero significar-lhe aqui meus agradecimentos e dizer que, em princípio, aceito a tarefa mas com as condições especiais: a) Você discute com o prefeito se “ainda” é possível esse trabalho; b) acerta com ele o preço do meu trabalho, nem acima das possibilidades do município e nem abaixo do tempo em que eu vou ser exclusivamente mossoroense; c) ajusta que o município mandará informações, por cópia ou empréstimo, dos documentos necessários; d) fica o sargento-mor intimado a ser um colaborador na plana de 100 ou 1000 por cento.⁴

prefeitos encomendaram a Cascudo uma história oficial para seus municípios. Cf. CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *História da Cidade do Natal* (1948), *Notas e documentos para a história de Mossoró* (1955) e *História do município de Sant’Ana do Matos* (1955).

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. p.12

³ Movimento cultural organizado pela Prefeitura de Mossoró que em 1948 assumiu o compromisso de criar a Biblioteca Municipal de Mossoró e o Museu. Através do Decreto Executivo número 4, a biblioteca e o museu foram criados inaugurando um momento de “batalha” pela cultura de Mossoró a partir da doação de livros para a biblioteca, além da realização de cursos e palestras sobre as temas da história, da geografia, do folclore e da geologia da cidade de Mossoró e região. Cf. ROSADO, Vingt-un. *Notícia sobre a Batalha da Cultura*. 1978

⁴ Cartas de Luís da Câmara Cascudo para Vingt-un Rosado. In: BRITO, Raimundo Soares de. *Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura*. 1986, p.79 .

O convite para a escrita da história de Mossoró só foi oficializado, no entanto, dois anos depois quando, em setembro de 1953, Cascudo se encontrava no Rio de Janeiro e foi procurado por Dix-Huit Rosado que mostrou um telegrama do seu irmão e prefeito de Mossoró, Vingt Rosado, pedindo que o intelectual participasse da série do curso de Antropologia Cultural⁵, no qual Cascudo proferiu na noite do dia 30 de setembro a palestra intitulada de “Sociologia da Abolição em Mossoró”⁶. Nesta mesma noite, Vingt-un Rosado, como aponta Cascudo no prefácio do livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (2001, p. 5), mostrou-lhe o convite oficial para que escrevesse sobre a História de Mossoró.

Embora Cascudo tenha registrado no livro de 1955 o convite para escrever a história da cidade, não esboçou as motivações que o levaram a tal feito. No entanto, enquanto historiadores podemos estabelecer aproximações que visem dar uma inteligibilidade a respeito das condições de possibilidade que fizeram emergir a produção de uma história mossoroense por Luís da Câmara Cascudo.

Primeiramente, é válido destacar que não foi a ausência de um estudioso sobre os aspectos históricos da cidade de Mossoró que determinou a escolha de Cascudo para escrever a história do município. Antes mesmo de o livro *Notas e documentos para a História de Mossoró* ter sido publicado em 1955, a urbe mossoroense já contava com dois livros que versavam sobre a história da cidade, a saber: *Tradições e Glórias de Mossoró* (1936) de Nestor Lima e *Mossoró* (1940) de Vingt-un Rosado.

Vale ressaltar, ainda, o papel da *Coleção Mossoroense* e do *Boletim Bibliográfico*, ambos criados no final da década de quarenta, com o objetivo de fornecer subsídios para a história, a geografia, a etnografia, a mineralogia da cidade de Mossoró.⁷ Dessa maneira, uma nova produção historiográfica acerca dos vários aspectos políticos, culturais e sociais já estava sendo arquitetada, pela *Coleção Mossoroense* e pelo *Boletim Bibliográfico*, quando Câmara Cascudo recebeu o convite endossado por Vingt Rosado.

Desta forma, a justificativa para a escrita de uma história para Mossoró por parte de Luís da Câmara Cascudo pode ser entendida a partir do interesse da prefeitura de Mossoró que se utilizou do prestígio intelectual e do renome nacional de Cascudo para

⁵ O curso de Antropologia Cultural foi criado pelo prefeito Vingt Rosado Maia em 1953, com o objetivo de organizar um conjunto de conferências sobre os temas locais, tais como: a abolição em Mossoró, a geologia da região, a história do futebol e da arte musical mossoroense, dentre outras. Cf. ROSADO, Vingt-un. *Notícias sobre a Batalha da Cultura*. 1978. p. 13 e 14

⁶ *O Mossoroense*. Mossoró, 30 de setembro de 1953, ano VI n. 265, p. 6

⁷ *O Mossoroense*. Mossoró, 31 mar. 1949

evidenciar a própria história da cidade, como demonstram as palavras de Vingt-un Rosado numa entrevista realizada pela *Tribuna do Norte* no dia vinte e três de junho de 2002:

(...) pedi a meu irmão que era Prefeito: "Há uma história de Mossoró que é muito fraca, que é a de seu irmão, convide Cascudo para escrever a história". Então Vingt convidou Cascudo, ele veio aqui, entreguei meu arquivo todo. Ele voltou para Natal e escreveu um livro magnífico: Notas e Documentos para a História de Mossoró.⁸

A escolha de Luís da Câmara Cascudo para a produção de uma história para Mossoró esteve diretamente ligada ao reconhecimento dele enquanto um autor de prestígio nacional. De fato, o nome de Cascudo serviria para atender às projeções políticas do poder público local que através de uma escrita da história oficial se colocaria como promotor do passado da cidade. Sendo assim, não poderíamos encarar Luís da Câmara Cascudo como autor qualquer como outros, mas indicamos que sua posição diferenciada de autoria extrapola tal condição, fazendo-o um autor singular.

Entretanto, não queremos superestimar a atuação de Cascudo nesse cenário cultural e político de uma produção de saber que caracterizou o final dos anos quarenta e o início dos anos cinquenta em Mossoró. Antes, destacamos a participação de Luís da Câmara Cascudo como parte de uma construção que já existia anteriormente a ele. Desse modo, a escrita cascudiana sobre a história de Mossoró fez parte dessa conjuntura cultural surgida nas décadas de quarenta e cinquenta fincada no aparecimento da *Batalha da Cultura*, na criação da *Biblioteca Municipal* e no surgimento do *Boletim Bibliográfico* e da *Coleção Mossoroense*.

Mesmo localizando a escrita da história de Mossoró por Luís da Câmara Cascudo como uma produção que fez parte de um cenário habitado por várias instituições que assim como ele promoveram conhecimento acerca da cidade de Mossoró, não poderíamos minimizar os efeitos estratégicos da sua escrita para a tessitura de uma história oficial para a cidade.

⁸ Coletada no site: <http://www.colecaoossoroense.hpg.ig.com.br/entrevistas03.htm>, no dia 06 de abril de 2010.

Nesse sentido, estabelecemos uma aproximação com o pensamento do filósofo Michel Foucault acerca da função de autor e a questão da autoria.⁹ Para Foucault, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve em uma dada cultura, receber um certo status.¹⁰

Pensar Luís da Câmara Cascudo a partir da **função** de autor nos permite enxergar primeiramente, como este se posicionou ao longo do tempo em diferentes funções de autoria atendendo às demandas sociais e intelectuais do momento¹¹, seja a de crítico literário, nas décadas de 1910 e 1920; a de historiador, em meados dos anos 20 até os idos de 1940; a de folclorista, nas décadas de 1940 e de 1950; e, por conseguinte, a de etnógrafo, no período de 1950 a 1960,¹² além de perceber como sua escrita interveio discursivamente no social, produzindo um saber voltado para a história da cidade de Mossoró. É nessa relação entre a **função de autoria** e a produção da história mossoroense que vemos a promoção da escrita cascudiana com certo estatuto em detrimento as outras histórias de Mossoró. Assim, a emergência da escrita da história da cidade ligada a Cascudo assumiu um papel estratégico: atendeu às necessidades políticas locais e aos anseios sociais e intelectuais do momento, como aponta o prefácio do livro *Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura* (1986), organizado por Raimundo Soares de Brito, no qual Vingt-un Rosado prefacia da seguinte maneira:

Raimundo Soares de Brito procura resgatar uma dívida de Mossoró para com o grande e querido Mestre Luís da Câmara Cascudo. Este já é o segundo livro que organiza, sobre a participação do sábio potiguar nos céus da Inteligência mossoroense. (...) O livro *Notas e documentos para a História de Mossoró*, livro admirável, em que **corrigiu** Francisco Fausto e Vingt-un Rosado, ampliando extraordinariamente a visão da história da cidade, foi o volume II da Coleção Mossoroense.

⁹ O tratamento da questão do autor dispensado por Michel Foucault trata-se do autor não como indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. Cf. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. p. 26

¹⁰ Assim, a noção de autor de que nos apropriamos à luz de Michel Foucault se imbrica como uma *função* característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade. Desse modo, a autoria como **função**, e não como uma dimensão que volta para o indivíduo da escrita, não resulta simplesmente da espontânea atribuição de um discurso a um indivíduo, mas de uma operação complexa construído por determinadas regras localizadas historicamente que constituem a razão do ser da autoria. FOUCAULT, Michel. O que é um autor. In: *Ditos e Escritos*. 2001. p. 274-280.

¹¹ SALES NETO, Francisco Firmino. *Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria*. 2009. p. 27

¹² Cf. MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. 1970.V.1

(...) A Batalha da Cultura teve de Cascudo uma permanente e uma carinhosa assistência. (BRITO, 1986, p. 7-8. Grifos nossos).

Como mostra a passagem acima, o livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955) é posicionado como um redimensionamento da historiografia acerca da cidade de Mossoró. A escrita cascudiana é colocada como estratégica, tendo em vista a construção de uma identidade histórica para a urbe. Sendo assim, a intelectualidade mossoroense, obviamente aquela ligada à *Coleção Mossoroense* e ao *Boletim Bibliográfico*, enxerga o livro de 1955 como marco, em que a visão sobre a história da cidade se amplia, tanto pelos “ineditismos” de informações constantemente citadas por Cascudo, bem como pela correção de dados, referentes às datas dos acontecimentos políticos da cidade, presentes em outras histórias do município, como a de Vingt-un Rosado e a de Francisco Fausto. Vejamos:

Creio que é raro encontrar-se presentemente quem tenha lido todas as atas da Câmara Municipal de Mossoró no Império, Conselho de Intendência na República e Câmara de Vereadores, uma por uma, sem saltar. **Tenho este título, conheço-as todas...** Delas sai uma parte viva e poderosa. Dos arquivos do Instituto Histórico e Secretaria Geral do Estado reaparecem **inéditos** de significação curiosíssima sobre a criação da Freguesia e do Município, originais dos processos, com centenas e centenas de autógrafos que copiei e fielmente transcrevo porque são os antepassados da família mossoroense (...) Sobre o Motim das Mulheres achei a data e um ofício do Juiz de Direito que **dá rumo inteiramente novo ao acontecimento histórico**. (grifo nosso) Transcrevo-o integralmente. (...) Creio na parte referente à criação da Freguesia e Município ter divulgado documentação possivelmente completa e toda ela **inédita**. Assim também sobre a querela da fixação do distrito judiciário. (...) Francisco Fausto fizera a relação das Câmaras Municipais de 1853 a 1892, e Vingt-Un Rosado trouxera de 1893 a 1922. A partir de 1864 fiz o cotejo dos registros de atas com as datas fixadas pelos dois historiadores e prolonguei aos nossos dias a relação, **retificando enganos e omissões**. (CASCUDO, 2001, p. 5-6. Grifos nossos).

Nesse trecho, percebemos algumas características do fazer historiográfico de Luís da Câmara Cascudo. Para ele a prática do historiador reside no dever de compilar e transcrever fielmente o que está posto nos documentos, pois para Cascudo a “história é

o próprio documento”¹³, daí a necessidade do historiador de registrar tudo que está contido na documentação para que seu trabalho possa servir aos futuros estudiosos (CASCUDO, 1960).

A história proposta por Cascudo se caracteriza pela erudição. O fato de registrar que conhece todas as atas e arquivos dispostos pelo Instituto Histórico e pela Secretaria Geral do Estado legitima o próprio Cascudo. Ao mesmo tempo sua escrita é entrelaçada pela teia da sua interpretação latente na qual o faz evidenciar propositalmente suas conclusões pessoais. Era no ajuntamento, na organização e na transcrição dos documentos que Cascudo entendia seu ofício de historiador da cidade. Seu *métier* era a erudição.

Apinhado de alguns quilos de atas da Câmara Municipal e da Intendência, bem como do Boletim Bibliográfico de Mossoró, Luís da Câmara Cascudo volta a Natal na manhã de 1º de outubro de 1953 com o objetivo de escrever acerca da história do município.

Não queremos aqui, descrever a história que Luís da Câmara Cascudo cunhou para a cidade de Mossoró, nem reproduzir o que ele narrou, antes buscamos encontrar as regras através das quais Cascudo escreveu a história da cidade.

Ao analisarmos as regras da escrita cascudiana, estamos lançando mão de uma discussão que pensa a própria estrutura e a proposta que demarcou a racionalidade e a emergência do livro *Notas e documentos para a História de Mossoró* (2001).

Como escreveu o próprio Luís da Câmara Cascudo: “quis apenas dar um roteiro da jornada de Mossoró no tempo. Nada mais;” (CASCUDO, 2001, p. 7) sua proposta no livro de 1955 evidencia o interesse em sistematizar a história da cidade a partir da reunião de documentos e de notas no qual ele mesmo se encarregaria de organizar e compilar para que outros estudiosos pudessem se embeber tornando possíveis, desta maneira, novas histórias para Mossoró (CASCUDO, 2001, p. 5).

O próprio título do livro “Notas e Documentos” classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um sentido e um significado. Cascudo enseja com esta proposta do livro produzir os alicerces que a partir da consulta da sua literatura servirão de base para a construção de outras histórias.

É importante assinalar que a estrutura da narrativa do livro de 1955 já era uma tendência de alguns historiadores do início do século XX. Muitos deles, inclusive,

¹³ A *República*, Natal, 04 de janeiro de 1949.

influenciaram o modo de ser da escrita historiográfica cascudiana¹⁴ como o intelectual paraibano Irineu Ferreira Pinto que, em seu livro *Datas e Notas para a História da Paraíba*, publicado em 1908, propõe arregimentar datas e notas para a construção de uma história paraibana que pudesse funcionar como orientadora para escritores do futuro. Não queremos dizer com isso que tanto Luís da Câmara Cascudo como Irineu Ferreira Pinto tenham escrito suas “histórias” somente para servir de banquete documentário para outros historiadores. Ao fazê-las eles deixam suas concepções de história, selecionam fatos, ordenam uma escritura historiográfica que os projetam para além dos seus círculos intelectuais provincianos.

A postura de Cascudo em dar apenas um roteiro da jornada de Mossoró no tempo, isto é, de organizar documental e cronologicamente datas e notas para que outros estudiosos pudessem se utilizar no futuro, também estava presente no livro sobre a *História da Cidade do Natal* publicado em 1948. Vejamos:

O precioso da História contemporânea é a documentação para o futuro e não o juízo decisivo e peremptório. Todos os contemporâneos, para o bem e para o mal, são testemunhas de vistas, indispensáveis e ricas de notícia. Testemunhas e não juizes ou advogados. Todos testemunhas. O futuro estudará, confrontará e dará sentença. Muita gente pensa que a História é uma velhinha amável e covarde que aceita, por preguiça e senectude, as decisões dos contemporâneos. **Todos nós julgamos escrever a História quando apenas escrevemos para a História.** (CASCUDO, 1980, p. 9. Grifo nosso).

É interessante ressaltar como Cascudo distingue os conectivos *a* e *para* ao se referir a escrita da história. Para ele, a produção historiográfica serve para estudos futuros, daí a sua ênfase no escrever *para* a História. Essa distinção (*a* e *para*) revela a própria consciência que Câmara Cascudo tem para se imortalizar no tempo. Sua imortalidade reside na sua escritura. Segundo o historiador Raimundo Arrais (2005), nem na *História da cidade do Natal* nem em qualquer outro lugar, Luís da Câmara Cascudo legou um pecúlio documental para os pesquisadores da cidade do Natal. O

¹⁴ Além do intelectual paraibano Irineu Ferreira Pinto, o estudioso Irineu Jofili também influenciou a escrita historiográfica cascudiana. Cascudo, inclusive, faz referência a sua obra intitulada de *Notas sobre a História da Paraíba* (1908) quando analisou no jornal *A República* os caminhos e os territórios construídos no Rio Grande do Norte durante o processo de formação territorial da capitania a província. Cf. *A República*, Natal, 05 de abril de 1934.

trabalho que Cascudo realizou sobre os documentos serviu a si mesmo, alimentando os livros que o projetaram como intelectual para além do estreito círculo da província.

Quando Cascudo relata que escreve *para* a História remete sua escrita para a posteridade, projetando-o intelectualmente. No entanto, a prática historiográfica no qual Luís da Câmara Cascudo está inserido é inteiramente relativa à estrutura da sociedade no qual o mesmo está atrelado.¹⁵

É a demanda social e intelectual que possibilita um certo tipo de fazer historiográfico cascudiano, baseada numa história de “Notas e documentos” tão característica da primeira metade do século XX no Brasil.

A tendência de escrever “Notas” sobre a história das cidades já era uma constante em Cascudo. No jornal *A República* do dia 11 de maio de 1943, Luís da Câmara Cascudo destina algumas “notas” para história da cidade de Areia Branca, no qual relata desde a formação do seu território, passando pelas suas primeiras atividades econômicas até o dia que se tornou vila e cidade.¹⁶ O projeto de uma escrita limitada a “Notas e documentos” não se restringiu somente à história das cidades. Em 1955, Cascudo estabelece o mesmo regime de escrita ao se tratar da história da Paróquia de Nova Cruz, como apresenta o Monsenhor e Pároco Pedro Moura:

Ofereceu-nos então o Dr. Cascudinho os dados indiscutíveis da evolução da Paróquia de Nova Cruz, acrescido de outras notas, que pedimos permissão de publicar neste opúsculo, oferta esta que constitui a mais valiosa cooperação para as festas centenárias e que nos leva a deixar aqui todo o nosso sincero e cordial agradecimento. (Apresentação a: CASCUDO, 1955, p. 8).

Mais do que dar um rumo ou uma trajetória de uma cidade ou uma paróquia no tempo, as “Notas” propostas pelo regime de escrita cascudiana encontram sua racionalidade na própria concepção de história de Cascudo, ou seja, contribuir para os futuros estudiosos, como demonstra o artigo escrito por ele no jornal *A República* publicado no dia 28 de setembro de 1960 com o título “O Documento viverá”:

O meu papel é registrar e transformar sugestão e planos em documentos que ficarão para futuros estudiosos. O que não interessará hoje será do máximo interesse amanhã. E também vice-versa. O que

¹⁵ CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 1982. p.74.

¹⁶ *A República*, Natal, 11 abril, 1934

estamos pondo acima das estrelas passa inteiramente ignorado futuramente. (...) Guardar o mais possível documentadamente, para o Futuro. Este fará sua escolha.

Mesmo que Luís da Câmara Cascudo tenha proposto apenas dar um rumo para a história das cidades, voltada apenas para servir de alicerces para a construção de novas histórias para o futuro, sua escrita produz determinados sentidos e significados para as elas.

Ainda que se proponha a escrever “notas e documentos”, a narrativa cascudiana construiu dados textos e leituras para Mossoró. Assim, o livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955) excede sua materialidade, estabelecendo-se como espaço de inscrição e inserção de sentidos e significados para a espacialidade em questão, tendo em vista que a escrita não é apenas um gesto de escrever, ela tem todo um processo de significação.¹⁷

O livro de 1955, portanto, extrapola seu universo material para se localizar como espaço que construiu discursos sobre a cidade de Mossoró, esta criada a partir da prática discursiva presente no gesto da escrita cascudiana.

Além de consideramos o livro de 1955 como espaço e processo de espacialização, no qual produz sentidos e seleciona textos para outra espacialidade (a cidade), o livro também é pensado como um feixe de relações, construído a partir de um campo complexo de discursos¹⁸ não homogêneos que emergem na irrupção de sua singularidade única e aguda, no lugar e no momento de sua produção, podendo ser visto como um discurso, um acontecimento.¹⁹

O livro *Notas e documentos para a História de Mossoró* (1955) se apresenta, portanto, não somente como um objeto que se pode carregar nas mãos ou apenas como um pequeno paralelepípedo que o encerra, mas como um conjunto discursivo atravessado por relações de poder; como espaço e também como embreante no processo de espacialização.

¹⁷ Cf. BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. 1987.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. 2008. p. 26

¹⁹ Cf. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 1996.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Raimundo. *Do alto da torre da matriz, acompanhado a procissão dos mortos: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal*. 2005. Digitado.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BRITO, Raimundo Soares de. *Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura*. Mossoró: ESAM, 1986.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.
- _____. *Notas e documentos para a História de Mossoró*. 4 ed. Mossoró: FGD, 2001
- _____. O documento viverá. *A República*, Natal, 28 de setembro de 1960.
- _____. Notas para a história da paróquia de Nova Cruz. Natal: Arquivo de Natal, 1955.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. O que é um autor. In: *Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 3v.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, vol. 27. n. 53, jan-jun., vol. 27, nº 53, 2007.
- PINTO, Irineu Ferreira. *Datas e Notas para a história da Paraíba*. Ed. fac-similar 1908. João Pessoa: Ed. UFPB, 1977
- ROSADO, Vingt-un. *Notícia sobre a Batalha da Cultura*. Mossoró: ESAM, Universidade Federal da Paraíba, 1978. Coleção Mossoroense. Volume LXX.
- SALES NETO, Francisco Firmino. *Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria*. Dissertação (Mestrado em História)—Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2009.